

## **Micro e Pequenas Indústrias do Vale do São Francisco Sergipano: Perfil e Perspectivas de Crescimento.**

### **Josivania Silva Farias**

*Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo PRODEMA (Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora do Departamento de Administração da UFS.*

### **Rivanda Meira Teixeira**

*Doutora em Gerenciamento de Pequenas Empresas e Responsabilidade Social pela Cranfield University, Inglaterra. Professora do Departamento de Administração da UFS. Pesquisadora do CNPq.*

### **Resumo**

---

Apresenta o perfil das micro e pequenas indústrias do Vale do São Francisco Sergipano e de seus dirigentes. Também analisa as perspectivas de crescimento dessas indústrias, com base em indicadores selecionados e na opinião dos seus proprietários. Utilizando o método do levantamento, com a aplicação de questionário estruturado, foram realizadas 31 entrevistas com os empresários de indústrias de micro e pequeno porte instaladas em 15 municípios da região. Os empresários entrevistados, na sua maioria, possuem nível médio de escolaridade, são do sexo masculino e nasceram no próprio município onde atuam. As micro e pequenas indústrias do estudo atuam em ramos tradicionais, são empresas familiares, centralizadas, não observam aspectos legais quanto ao registro do empregado e à segurança do trabalho e enfrentam problemas principalmente nas áreas de finanças e vendas. Conclui que as perspectivas de crescimento dessas indústrias são boas, pois, apesar da diminuição do crescimento econômico no País, a maioria delas adquiriu novas máquinas, ampliou instalações físicas, aumentou o número de empregados e introduziu novos produtos

### **Palavras-chave:**

---

Industria – Micro Empresa; Industria – Pequena Empresa; Perfil Empresarial; Diagnóstico Empresarial; Crescimento Industrial; Vale do São Francisco Sergipano.

## **1 - INTRODUÇÃO**

O papel das micro e pequenas empresas no desenvolvimento de uma comunidade é importante pela geração de emprego e renda e elevação do padrão de vida das pessoas. No entanto, pouco se sabe sobre as Micro e Pequenas Indústrias (MPIs) no Brasil, principalmente em Sergipe. Este estudo pretende contribuir para o preenchimento desta lacuna, ao realizar um diagnóstico das indústrias de micro e pequeno porte na região do Vale do São Francisco Sergipano, traçando o seu perfil e o de seus dirigentes. O trabalho também analisou as perspectivas de crescimento dessas indústrias, baseado em critérios definidos, e identificou a percepção do empresário com relação a essas perspectivas de crescimento.

A escolha das micro e pequenas indústrias como objeto de investigação e análise deveu-se à existência de linha de pesquisa no Departamento de Administração da Universidade Federal de Sergipe, que vem realizando desde 1983 estudos sobre essas empresas no estado. O foco na região do Vale do São Francisco Sergipano justifica-se por ser essa a área em que o Núcleo de Pós-Graduação e Estudos do Semi-Árido (NESA), da referida universidade, vem concentrando seus esforços de pesquisa nos últimos anos, oferecendo subsídios para a busca de soluções locais visando contribuir para o seu desenvolvimento econômico e social.

É importante observar que o campo deste estudo não foi a região do Baixo São Francisco Sergipano, mas apenas o Vale do São Francisco Sergipano. Significa dizer que apenas os municípios localizados do nordeste até o noroeste do estado de Sergipe e situados às margens do Rio São Francisco serviram como campo de pesquisa. A delimitação espacial contemplou os seguintes municípios: Amparo do São Francisco, Brejo Grande, Canhoba, Canindé do São Francisco, Cedro de São João, Gararu, Ilha das Flores, Itabi, Nossa

Senhora de Lourdes, Neópolis, Porto da Folha, Poço Redondo, Propriá, Santana do São Francisco e Telha.

No município de Canindé do São Francisco está instalada a Usina Hidrelétrica de Xingó, construída há pouco tempo e que teve sua primeira turbina inaugurada em 22 de dezembro de 1994 pelo então presidente Itamar Franco. A instalação da Usina Xingó promoveu alguns impactos no meio físico e também nas comunidades locais. Apesar da reconhecida importância da usina para o desenvolvimento da região, deve-se levar também em consideração outros setores que sustentam a economia das comunidades, tais como: Comércio, Serviços e Indústria.

## **2 - SERGIPE NO CONTEXTO INDUSTRIAL NORDESTINO**

O estudo de BRAZILEIRO & ROMÃO (1994) apresenta alguns dados sobre a economia sergipana, dentro de uma análise da organização espacial das indústrias em toda a região Nordeste. Mostrando dados do Censo Industrial de 1985, do IBGE, os autores afirmam que em 1985 os 1.989 estabelecimentos industriais sergipanos correspondiam a 4,8% do total de indústrias da região, que era de 40.839 estabelecimentos. Naquele ano, esses 1.989 estabelecimentos geravam 24.532 empregos, sendo a maior parte (9.260 empregados) na capital ou região metropolitana. A menor parte (apenas 936) está empregada no semi-árido sergipano.

De acordo com o Diagnóstico do Setor Industrial Sergipano, elaborado em 1993 pelo Governo de Sergipe, através da Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN), Secretaria de Estado da Indústria, Comércio, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SEIC) e órgãos conveniados como CODISE, SEBRAE e FIES/IEL, o estado de Sergipe, segundo dados de 1991, possuía 1.458 indústrias, com 47.203 pessoas ocupadas.

Antes de apresentar algumas ações do Governo do Estado para o desenvolvimento do setor, é importante destacar que, dentro das ações federais de incentivo às indústrias, o estado de Sergipe, através do Sistema 34/18 – FINOR, teve 32 indústrias implantadas, representando 3,5% do total de empresas incentivadas no Nordeste no período de 1962-1988, segundo pesquisa SUDENE/BNB apud BRAZILEIRO & ROMÃO (1994).

As políticas de desenvolvimento industrial adotadas pelo governo sergipano sustentam-se no tripé: participação acionária do Estado, cessão de terrenos e galpões nos distritos industriais para instalação das indústrias e apoio fiscal (diferimento do diferencial de alíquota do ICMS na compra de bens de capital, carência de pagamento do ICMS etc.). Em 1991, o Governo do Estado instituiu o Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial (PSDI) e criou o Fundo de Apoio à Industrialização (FAI), regulamentado através da Lei 3.140, de 23/12/91, e Decreto 15.970, de 12/07/96. Quase nada na Lei 3.140 era novo em relação aos incentivos governamentais concedidos anteriormente, para a implantação de indústrias no estado. Antes de 1991, 50,6% das empresas consultadas durante a realização do Diagnóstico Industrial fizeram uso de incentivos como: participação acionária do Estado, cessão de galpões industriais e dedução de ICM (Diagnóstico Industrial, 1993).

### **3 - O VALE DO SÃO FRANCISCO SERGIPANO**

O Vale do São Francisco Sergipano está inserido na região do Baixo São Francisco, que abrange, também, alguns municípios de outros estados vizinhos (por exemplo, a Bahia). A região possui 4.952,9 km<sup>2</sup>, abrangendo 20,3% do território sergipano, e apresenta características comuns a todo o semi-árido nordestino. A região do Baixo São Francisco Sergipano é considerada subdesenvolvida, visto que, dentre vári-

os fatores, sua economia baseia-se no sistema tradicional de produção agrária, em que a população procura viver e trabalhar em atividades que estejam vinculadas ao regime do Rio São Francisco, como é o caso do cultivo de arroz nas várzeas (FONSECA, 1988, p. 2).

A economia da região do Vale do São Francisco Sergipano baseia-se principalmente nas atividades do setor primário, como a pecuária e as lavouras temporárias. Na porção mais a oeste da região, que compreende, principalmente, os municípios de Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé do São Francisco, a economia é baseada na pecuária extensiva, na produção de feijão e milho e na agricultura irrigada do Projeto Hidroagrícola Califórnia, com a policultura que inclui fruticultura.

Os municípios de Canindé do São Francisco, Neópolis e Propriá destacam-se pela produção de arroz, principalmente o arroz irrigado nos projetos implantados pela CODEVASF em Propriá. Outra atividade importante no Vale é a fruticultura irrigada, voltada para a exportação e implantada pelo Projeto Platô de Neópolis.

Analisando a dimensão econômica da região do Baixo São Francisco Sergipano, BASTOS & FONSECA (1998, p. 10-13) afirmam ser a economia local “pouco dinâmica, com graves problemas relacionados à pobreza da população, o subemprego, a falta de perspectivas da população mais jovem, o que promove a emigração, dentre outros fatores”. Os mesmos autores afirmam ainda que o setor formal da economia é quase inexistente na região, “que possui várias fabriquetas de queijo e casas de farinha, bem como confecção de vassouras de palha e produção artesanal de doces” (ibid).

A indústria da região do Vale do São Francisco Sergipano, segundo FONSECA, BASTOS & PINTO (1998), desenvolve vários ramos de atividades de transformação, como beneficiamento de arroz, cerâmica, serviços gráficos, modulados de madeira e de metal, ramo têxtil e de confecções, construção civil, fabricação de biscoitos e outras

massas alimentícias (macarrão, por exemplo), laticínios, fabricação de doces, moagem de café e milho, dentre outros. A maioria das atividades desenvolvidas, portanto, está ligada aos gêneros industriais tradicionais. Dentre as atividades dinâmicas desenvolvidas na região está a indústria de móveis tubulares e modulados de metal, como esquadrias.

Mais recentemente, vem-se destacando como atividade industrial na região o resfriamento do leite e fabricação de seus derivados, devido à chegada de laticínios maiores, como a Parmalat, e o crescimento do Laticínio Capim Grosso. Esses empreendimentos estão situados no povoado Capim Grosso, município de Canindé do São Francisco.

Destacam-se nesse ambiente os impactos econômicos e sociais que a cidade de Canindé do São Francisco sofreu após ser relocada devido à construção da Usina Hidrelétrica de Xingó. Apesar de ter tido um crescimento rápido, logo em seguida a cidade passou a conviver com um período de retrocesso econômico, pois muitos estabelecimentos comerciais e residenciais foram abandonados ou postos à venda. Canindé do São Francisco merece destaque pois é um dos municípios sergipanos com maior arrecadação tributária, oriundas da hidrelétrica de Xingó.

#### **4 - CONCEITUAÇÃO DE MICRO E PEQUENA EMPRESA (MPE)**

Não existe consenso a respeito de expressões que definam claramente o que é uma microempresa ou uma pequena empresa. Às vezes os conceitos de ambas se confundem ante a grande vagueza conceitual.

Para LONGENECKER, MOORE & PETTY (1997 p. 27), “especificar qualquer padrão de tamanho para definir empresas é algo necessariamente arbitrário porque as pessoas adotam padrões diferentes para propósitos diferentes [...]. Uma empresa pode ser descrita como ‘pequena’ quando comparada com empresas maiores, mas ‘grande’ quando comparada com menores”.

O senso comum, baseado em algumas especificidades apresentadas pelo empreendimento, pode conceituar como microempresa ou pequena empresa aquela que é administrada pelo proprietário e sua família, possuindo um pequeno contingente de pessoal, desenvolvendo atividades produtivas que abastecem a própria localidade onde está instalada.

Para conceituar as micro, pequenas e médias empresas, faz-se necessário, pois, lançar mão de um ou mais critérios, que podem ser quantitativos ou qualitativos. Um exemplo de critério quantitativo é a classificação de uma empresa como micro, pequena, média ou grande segundo seu volume de faturamento. Já os critérios qualitativos poderiam ser a capacidade de inovação tecnológica, a tecnologia adotada ou alguns outros que MORELLI (1994) considera “mais vagos e difíceis de mensurar”, tais como: possuir ou não uma administração especializada, possuir ou não produção em escala e ser ou não receptora de mão-de-obra liberada do setor rural.

O critério número de pessoas ocupadas é considerado o de mais fácil entendimento e mensuração e vem sendo adotado pelo Serviço Brasi-

**TABELA 1**  
CLASSIFICAÇÃO DE EMPRESAS INDUSTRIAIS PELO CRITÉRIO DO NÚMERO DE EMPREGADOS

<b>Nº DE EMPREGADOS</b>	<b>PORTE DA EMPRESA</b>
0 a 19	Microempresa
20 a 99	Pequena
100 a 499	Média
500 e mais	Grande

FONTE: SEBRAE

leiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Neste estudo será adotada essa classificação do SEBRAE, que utiliza parâmetros diferentes para as empresas industriais e para as empresas de comércio e de serviços. A TABELA 1 mostra a classificação para empresas industriais segundo o critério do SEBRAE:

## **5 - A IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS INDÚSTRIAS (MPIS) COMO AGENTES DE DESENVOLVIMENTO**

Ao falar da relevância das MPEs, MACULAN (1995) afirma que, não obstante as micro, pequenas e médias empresas estarem inseridas num cenário preocupante, por possuírem bases financeiras limitadas, atuarem em setores relativamente tradicionais e apresentarem restrita disponibilidade de recursos humanos qualificados, estrutura organizacional pouco sofisticada e falta de competência de planejamento, não se pode deixar de reconhecer sua importância ao longo dos últimos anos.

Por sua vez, GRAZIADIO (1996) destaca, como fatores importantes relativos às micro, pequenas e médias empresas, a capacidade de empregar grande volume de mão-de-obra, adotar estruturas organizacionais mais enxutas, flexíveis e com poucos níveis hierárquicos e adaptar-se facilmente a situações de mudança e inovação.

Superestima-se, sempre, a importância dos grandes negócios apareçam, devido, talvez, à sua alta visibilidade. No entanto, as micro e pequenas empresas, embora menos, são um componente vital de nossa economia. Isto é o que se desprende de LONGENECKER, MOORE & PETTY (1997), quando afirmam que “como parte da comunidade empresarial, as pequenas empresas contribuem inquestionavelmente para o bem-estar econômico da nação [...]. Elas oferecem contribuições excepcionais, na medida em que fornecem novos empregos, introduzem

inovações, estimulam a competição, auxiliam as grandes empresas e produzem bens e serviços com eficiência” (p.34).

Segundo dados do SEBRAE (1998), as micro e pequenas empresas representam 98% dos cerca de 4,5 milhões de empresas brasileira, empregam 60% da mão-de-obra, participam com 43% da renda gerada nos setores industriais, comerciais e de serviços, além de contribuírem com algo em torno de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Dados da Secretaria de Planejamento (SEPLAN), publicados em 1993 no Diagnóstico do Setor Industrial Sergipano, indicam que cerca de 99% das empresas desse estado são micro, pequenas e médias, enquanto as de grande porte representam apenas 1%. O setor industrial responde por 40% do Produto Interno Bruto de Sergipe e gera cerca de 100.000 empregos no estado (SUDENE/DPG/PSE, 1990). No Vale do São Francisco, constatou-se, ao utilizar o critério de classificação do porte das empresas segundo o número de empregados, que 90% das indústrias são de micro e pequeno porte, por possuírem um contingente de 0 a 99 empregados, enquanto apenas 10% podem ser classificadas como médias ou grandes (SEF, maio/1999).

## **6 - DESENHO DA PESQUISA**

### **6.1 - Caracterização, método e questões de pesquisa**

Para SELLTIZ et al. (1974, p.59), em função dos objetivos da pesquisa, pode-se encontrar três tipos de estudos: exploratórios, descritivos e experimentais. Os estudos exploratórios visam a “familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão deste, freqüentemente para poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou criar hipóteses”. Segundo GIL (1996), pesquisas exploratórias têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias e, portanto, o seu plane-

jamento é bastante flexível, de modo a considerar os mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos envolvem: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. Este estudo foi concebido seguindo esta orientação, de forma a permitir que os empresários pudessem participar ativamente da “construção” do diagnóstico das micro e pequenas empresas da região, assim como avaliar as suas perspectivas de crescimento.

Tendo em mente as peculiaridades do estudo, adotou-se uma combinação dos enfoques quantitativo e qualitativo. Procurou-se conhecer não apenas a frequência dos fenômenos, mas, principalmente, como estes ocorrem e quais as razões que os explicam. Este tipo de abordagem é, sem dúvida, o mais adequado para estudos como este, que é eminentemente de caráter exploratório.

O método de pesquisa mais indicado para este tipo de estudo é o Levantamento. Segundo GIL (1995), este método apresenta como principais vantagens um conhecimento direto da realidade, maior economia de tempo, rapidez e quantificação dos dados obtidos. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário estruturado, composto de perguntas abertas e fechadas. Tal instrumento se desen-

volve a partir de uma série de perguntas previamente definidas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados. O instrumento possibilita também o tratamento quantitativo/qualitativo dos dados, técnica bastante utilizada em levantamentos sociais.

Para alcançar os objetivos do estudo foram formuladas as seguintes questões de pesquisa:

- Qual o perfil dos dirigentes das MPIS estabelecidas no Vale do São Francisco Sergipano?
- Como as MPIS da região estão estruturadas em termos de:
  - a) organização funcional?
  - b) aspectos mercadológicos?
  - c) processo produtivo?
  - d) gestão de recursos humanos?
  - e) relações com o governo (financiamentos/incentivos)?
- Houve crescimento dessas MPIS no período de 1996 a 1998?
- Qual a percepção do empresário quanto às perspectivas de crescimento dessas empresas?

**TABELA 2**  
**ATIVIDADES INDUSTRIAIS DE TRANSFORMAÇÃO**  
**NO VALE DO SÃO FRANCISCO SERGIPANO**

RAMODEATIVIDADE	NÚMERO DE INDÚSTRIAS
Alimentício	38
Cerâmica e trabalhos em pedras (mármore)	3
Colchões e Têxtil – fabricação	2
Concreto e argamassa – artefatos de cimento	2
Gráfica – execução de serviços gráficos	3
Madeira – modulados, tornerados de madeira	3
Malharia – confecções	3
Metal – móveis tubulares, esquadrias, armações	3
TOTAL	57

**FONTE:** Secretaria de Estado da Fazenda de Sergipe (SEF) - (maio/1999)

## 6.2 - Universo e Amostra

Procurou-se, junto à Secretaria de Estado da Fazenda de Sergipe (SEF), dados recentes sobre as indústrias da região. De acordo com a Relação dos Contribuintes Ativos, fornecida pela SEF em maio/1999, existem 98 indústrias nos municípios do Vale.

Deste total, foram excluídas uma usina hidrelétrica, 38 empresas do ramo da construção civil, uma empresa de terraplenagem e uma pedreira. A exclusão deve-se ao fato de que essas empresas têm características no seu processo produtivo que são muito diferentes das demais indústrias, além de possuírem, em sua maioria, estruturas temporárias, dificultando a utilização de variáveis comuns a todas as indústrias. O universo das indústrias selecionadas está apresentado na TABELA 2 a seguir:

Dessas 57 empresas, outras sete foram excluídas. Três delas porque eram de médio ou grande porte e quatro por terem menos de três anos de existência, não atendendo ao critério do tempo mínimo determinado no estudo (estarem em funcionamento no período de 1996 a 1998). O Universo ficou então reduzido a 50 empresas.

Finalmente, a amostra desse estudo abrangeu 62% do universo, pois não foi possível realizar a entrevista em 38% dos estabelecimentos, por diversas razões: 12 delas fecharam ou faliram, quatro não foram localizadas e em três delas o proprietário se recusou a responder por falta de tempo.

Os dados quantitativos da pesquisa foram analisados utilizando-se o pacote estatístico denominado SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*). Os dados qualitativos mereceram um tratamento minucioso e rigoroso. Todas as respostas foram listadas e, a partir delas, procurou-se descobrir os “temas” ou *patterns*. Este procedimento analítico é chamado de análise de conteúdo, onde há a decodificação da mensagem em unidades de registro, tema, frase, oração, palavras que geram um significado para a categorização.

Alguns indicadores e conceitos operacionais foram utilizados no estudo. Os QUADROS 1, 2 e 3, a seguir, apresentam a operacionalização das variáveis estudadas:

Levando-se em consideração os indicadores citados, apresentar-se-ão, a seguir, os resultados encontrados na pesquisa.

**QUADRO 1**  
VARIÁVEIS OPERACIONAIS – PERFIL DO EMPRESÁRIO

Indicadores
Motivação para criação do negócio;
Idade do empresário;
Sexo e origem do empresário;
Escolaridade do empresário;
Fundador do negócio;
Experiências profissionais anteriores;
Participação em cursos de treinamento empresarial;
Comparação da situação econômica atual com a dos pais no passado;
Relação entre “compensar” ou “não compensar” ser empresário;
Comparação da atividade no passado com o seu desenvolvimento no presente.

Variáveis/Indicadores estabelecidos pelas pesquisadoras.

**QUADRO 2**  
VARIÁVEIS OPERACIONAIS - PERFIL DA EMPRESA

Área Funcional	Indicadores
Organização Funcional da Empresa	Ramo de atividade industrial desenvolvida; Início das atividades (fundação); Cargos de direção existentes; Número de pessoas empregadas na administração; Número de cargos ocupados por familiares; Número de empregados na produção; Vinculação da empresa a outros grupos econômicos; Nível de informatização das MPIS.
Marketing	Mercado comprador; distribuição de produtos; canais de distribuição.
Produção	Bases para o planejamento da produção; mercado fornecedor; quantidade de turnos de produção por dia.
Gestão de Recursos Humanos	Salários pagos; incentivos à produtividade; aspectos legais (se registra empregados); escolaridade dos empregados da produção; escolaridade dos empregados da administração.
Áreas em que enfrentam maiores problemas	Problemas com Compras; problemas na área Contábil; problemas enfrentados na Produção; problemas com Pessoal; problemas com Finanças; problemas com Vendas.
Relações com o Governo	Relação com órgãos governamentais de fiscalização; Utilização de incentivos financeiros/fiscais e financiamentos.

Variáveis/Indicadores estabelecidos pelas pesquisadoras.

**QUADRO 3**  
VARIÁVEIS OPERACIONAIS - PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO  
(PERÍODO DE 1996 A 1998)

Evolução do número de empregados	aumento ou diminuição do número de empregados
Faturamento (vendas)	aumento ou queda das vendas
Novos equipamentos/máquinas	aquisição ou não de novos equipamentos
Instalações físicas	ampliação ou não das instalações físicas
Novos produtos	introdução ou não de novos produtos
Salários	aumento ou não dos salários
<b>Critério de crescimento adotado no estudo</b> - Será considerado que essas empresas cresceram se, no período de 1996 a 1998, contrataram mais que demitiram, aumentaram o faturamento, adquiriram novos equipamentos, ampliaram as instalações físicas, introduziram novos produtos ou concederam aumento de salários.	
<b>Percepção dos empresários quanto às perspectivas de crescimento</b>	

Variáveis/Indicadores estabelecidos pelas pesquisadoras.

**7 - PERFIL DOS EMPRESÁRIOS DA REGIÃO**

A maior parte (58,1%) dos proprietários das MPI's industriais do Vale do São Francisco Sergipano está distribuída nas faixas etárias de 29

a 38 anos e de 39 a 48 anos. Praticamente a totalidade (90,3%) é do sexo masculino e 61,3% deles nasceram no próprio município onde atuam. Verificou-se que 38,7% dos empresários entrevistados possuem o nível médio completo de escolaridade, seguidos pelos de nível médio incompleto e superior completo, ambos igual-

mente com 12,9% de frequência. Os 35,4% restantes distribuem-se entre analfabetos e com ensino fundamental (completo ou incompleto).

Em sua maioria (64,5%), os empresários afirmaram terem sido eles mesmos os fundadores do empreendimento. Os motivos que os levaram a criar o negócio foram: influência familiar, utilização de recursos oriundos de desemprego, aposentadoria e empréstimos bancários, dentre outros.

Constatou-se que a maior parte dos empresários já havia trabalhado no mesmo ramo ou em áreas afins. Eles ajudavam os pais, ainda na juventude, ou eram empregados de empresas do ramo. Mais da metade deles (52%) já participou de algum curso de treinamento empresarial oferecido por órgãos como SEBRAE, SENAC, SENAI ou outros.

A situação econômica atual é *superior* ou *muito superior* à dos pais no passado, para 51,6% dos empresários. Indagados se compensava ou não ser empresário, 68% deles responderam que *compensa ou compensa pouco*. Fatores como falta de capital de giro, legislação trabalhista e encargos sociais elevados, alta carga tributária e concorrência com o setor informal foram os mais destacados para explicar essas respostas. Para 80,6% dos empresários, a atividade industrial foi *mais compensadora no passado*. Dentre os fatores responsáveis pelo alto índice de desânimo quanto à atividade no presente, podem ser apontados: legislação trabalhista e tributária pesadas; afastamento de outros familiares do negócio; falta de incentivos do governo; aumento no preço dos insumos e/ou matérias-primas; queda na demanda (associada, em alguns casos, ao Plano Real); e, por último, a concorrência com o setor informal (empresários do mesmo ramo que vivem à margem da legislação tributária/trabalhista e que, portanto, conseguem praticar menores preços oferecendo produtos similares).

## 8 - PERFIL DAS MPI'S DA REGIÃO

As MPI's da Região estão distribuídas nos diversos ramos tradicionais da economia, sendo 61,3% delas ligadas ao ramo alimentício. Embora desenvolvam atividades tradicionais, portanto, muito antigas, quase metade das MPIs da região (45%) foi criada após o ano de 1990. Essa aparente contradição explica-se pelo grande número de novas indústrias surgidas como parte do impulso dado pela construção da Usina Xingo à microrregião do Sertão Sergipano do São Francisco, considerada uma das mais pobres do estado. Segundo MELO, "foram implantados projetos de irrigação na região [...]. A instalação da Usina pode ter aberto oportunidades importantes em termos de turismo ecológico, e a convivência com uma grande unidade industrial terá, certamente, importantes efeitos sobre a ocupação em atividades urbanas naqueles municípios mais diretamente afetados pela construção da Usina" (1999, p.51).

Essas MPIs são administradas, em sua maioria (51,6%), por apenas uma pessoa, que é o próprio dono do empreendimento. Em sintonia com este percentual, constatou-se que em 54,8% delas apenas uma pessoa está empregada na administração. Estes números confirmam o que se encontra na literatura sobre as MPIs brasileiras. BATALHA e DEMORI afirmam que "o processo decisório dentro da MPI é centralizado nas mãos do proprietário ou de seus descendentes diretos" (1990, p.52). Os cargos ocupados por familiares nessas MPIs dividem-se em dois grandes grupos: Metade delas tem os familiares do dono ocupando a gerência. A outra metade mescla as atividades de gerência e produção, isto é, os familiares atuam simultaneamente nas duas áreas.

De acordo com o critério de classificação de porte de empresas industriais adotado pelo SEBRAE (já citado anteriormente), 87,1% das MPIs estudadas são *microempresas*, pois empregam de 0 a 19 pessoas. Em sua quase totalidade (93,5%),

essas MPIs não possuem vinculação com outros grupos econômicos. Esse resultado é muito parecido com o apontado por MELO et al. (1983), que encontraram nas PMIs do estado de Sergipe um percentual de 87,8% das indústrias sem vinculação a grupos econômicos.

Constatou-se, também, que 93,5% das MPIs da região não utilizam os recursos da tecnologia da informação, ou seja, não possuem computadores. Sabe-se que “a maior complexidade da estrutura organizacional conduz à necessidade maior de adoção de instrumentos de gestão mais completos e eficientes” (BATALHA & DEMORI, 1990, p.46). Decerto, o que justifica o alto percentual de MPIs sem utilizar esse recurso são as características muito particulares dessas empresas, como estruturas organizacionais menores, enxutas, o que as torna menos complexas em termos administrativos.

Essas empresas distribuem seus produtos da seguinte forma: 22,6% delas têm 100% da sua produção absorvida no próprio município; para 35,5% delas, a produção é escoada no próprio município e no restante do estado de Sergipe; e em 41,9% delas o mercado comprador corresponde ao estado de Sergipe e aos estados vizinhos de Alagoas, Pernambuco e Bahia. Os produtos são distribuídos diretamente ao consumidor em 51,6% das empresas; 25,8% delas distribuem a varejistas, 12,9% utilizam-se de agentes comissionados e apenas 9,7% vendem a atacadistas. O trabalho de MELO et al. (1983) também apresentou um alto índice (71,7%) das PMIs sergipanas que utiliza a venda direta ao consumidor para distribuir seus produtos. Em segundo lugar, veio a distribuição através de varejistas (35,8%).

Para identificar o que as MPIs do Vale do São Francisco levam em consideração na hora de determinar a quantidade de produtos que deve ser fabricada, tomaram-se algumas bases para planejamento da produção, a saber: *mão-de-obra disponível*, *capacidade instalada*, *disponibili-*

*dade da matéria-prima*, *capital de giro disponível* e, por último, *pedidos ou encomendas*. Admitiu-se para esta questão mais de uma base de planejamento da produção, ou seja, a indústria poderia apontar mais de uma opção de resposta.

Constatou-se que 54,5% das MPIs da região trabalham fabricando produtos por encomenda ou por pedido; e que, na hora de planejar a produção, 29% verificam sua disponibilidade de capital de giro; 25,8% baseiam-se na disponibilidade de matéria-prima; 6,5% na mão-de-obra disponível; e, por último, 3,2% planejam com base na capacidade instalada. Este alto índice de MPIs (54,5%) que utilizam *encomendas/pedidos* para planejar a produção é semelhante aos resultados encontrados no estudo de BATALHA & DEMORI (1990), que aponta a base de planejamento *encomendas/pedidos* como a mais utilizada (73,3%) pelas PMIs catarinenses.

Quase a metade das empresas pesquisadas (45,2%) adquire suas matérias-primas de outros municípios sergipanos, principalmente Aracaju e Itabaiana, enquanto 29% as adquirem de fora do Estado. Constatou-se, por exemplo, que o *arroz* beneficiado na região é comprado nos estados do Piauí, Maranhão, Ceará, Alagoas e Bahia, embora aquela região tenha tradição no cultivo de arroz. A indústria de colchões adquire *produtos químicos* no Sudeste do País, e a MPI que realiza trabalhos em *pedras* compra sua matéria-prima em Minas Gerais e no Espírito Santo. Há também a indústria de artefatos de *metal*, que faz suas aquisições na Bahia e no Espírito Santo.

A quantidade de turnos diários de produção corresponde em 80,6% dos casos a apenas um turno de 8 horas. Esses dados são coincidentes com os que foram encontrados no estudo de MELO et al. (1983), que apontou 80,7% das PMIs de Sergipe trabalhando com apenas um turno de 8 horas. O que explicaria a baixa utilização da capacidade instalada das indústri-

as de micro e pequeno porte de Sergipe e, particularmente, da região estudada? Possivelmente, fatores como a pequena demanda, a falta de pessoal de supervisão para os demais turnos, a falta de estrutura (oferecimento de refeições etc.) e, ainda, o fato de ser a família quem administra e trabalha na produção, simultaneamente, dentre outros.

No que concerne à gestão de recursos humanos, constatou-se que 29% das MPIs pagavam, ao final do ano de 1998, salários situados na faixa de R\$ 137,00 a R\$ 200,00; e 22,6% pagavam de R\$ 201,00 a R\$ 300,00. Um percentual significativo (35,5%) dessas indústrias não informou como ocorria a administração de salários em suas empresas. Os empresários alegaram situações do tipo: *“são meus próprios filhos que trabalham na produção. Eles recebem roupa e comida”*.

Cerca de 58% das empresas informaram não adotar nenhum mecanismo de incentivo à produtividade dos empregados. As outras (41,9%) apontaram como formas de incentivo utilizadas *“dar presentes aos filhos dos empregados; ajudar a construir a casa própria e pagar hora extra”*.

Alto percentual das empresas (61,3%) não registra os empregados (assinatura de Carteira de Trabalho). Alegam, como fatores que os estimulam a agir dessa maneira, os altos encargos sociais, o fato de o trabalho ser executado por mulher e filhos e a existência de mão-de-obra abundante na região.

Indagados sobre a escolaridade dos empregados, os empresários afirmaram que possuem empregados com nível médio incompleto ou até completo, mas os índices são inexpressivos quando comparados aos quase 80% dos empregados que não completaram o nível fundamental de ensino. A situação de escolaridade é melhor no caso dos empregados na administração, porque em muitos casos o próprio dono ocupa a posição de administrador, gerente ou auxiliar de serviços administra-

tivos. Isto explica o maior índice de pessoas com nível médio incompleto ou completo e até nível superior completo (71%) atuando na administração dos negócios.

Supondo que os municípios de maior porte, como Propriá e Neópolis, teriam empregados da produção com maior nível de escolaridade, procurou-se cruzar a variável escolaridade da produção com o município onde a MPI estava instalada. Constatou-se que, não obstante serem municípios maiores e aparentemente mais desenvolvidos no que tange à educação formal, Propriá e Neópolis não apresentam situação superior aos demais. Ao contrário, a melhor situação é encontrada no município de Porto da Folha, onde, entre as cinco MPIs existentes, duas possuem empregados da produção com nível de escolaridade médio incompleto e completo.

Partindo do pressuposto de que os empregados da produção com maior grau de escolaridade receberiam salários maiores, cruzaram-se as variáveis “escolaridade” e “salários” dos empregados da produção. Constatou-se que na região estudada o grau de escolaridade não é fator preponderante na hora de estabelecer maiores salários aos empregados da produção. A maior parte dos empregados, que ganha salários situados nas faixas de R\$ 137,00 a R\$ 200,00 e de R\$ 201,00 a R\$ 300,00, está no nível escolar fundamental incompleto ou completo. Também observou-se que a única MPI que possui empregados da produção com nível médio completo paga a estes no máximo 01 (um) salário mínimo.

As MPIs estudadas apresentam problemas em todas as áreas administrativas, tais como: compras, contabilidade, produção, pessoal, finanças e vendas. Mas as áreas de finanças e vendas destacam-se como as mais problemáticas. A falta de capital de giro, a falta de linhas de crédito com juros compatíveis, a inadimplência dos compradores e as dificuldades para transportar/distribuir o produto foram alguns dos fatores citados para a ocorrência de problemas nessas áreas.

Considerando importante conhecer qual a relação das MPIs do Vale do São Francisco Sergipano com o ambiente político regulador, foi perguntado se a empresa já havia sido multada por não cumprimento de leis e quais os órgãos que as autuaram. Observou-se que 38,7% das MPIs já foram autuadas por infrações nas áreas de pessoal (registro de CTPS de empregados), pagamento de tributos e agressões ao meio ambiente natural (como extração de madeira ou lenha de áreas de preservação). Dentre os órgãos autuadores, foram apontados Secretaria da Fazenda (ou FISCO), INMETRO (responsável pela aferição de pesos e medidas), Ministério do Trabalho, Vigilância Sanitária e IBAMA (este relacionado às questões de defesa do meio ambiente). As empresas dos ramos de fabricação de colchões, concreto, metal e malharia nunca foram autuadas. Não se pode, contudo, inferir que isto significa a regularidade (cumprimento de leis) no desenvolvimento da atividade industrial. O que se infere, com base nos depoimentos de alguns empresários, é que os órgãos fiscalizadores do Estado são mais atuantes na capital e em cidades maiores, como Propriá, Neópolis e Canindé do São Francisco, por exemplo, onde a ocorrência de multas é superior em relação aos municípios de Porto da Folha, Poço Redondo, Santana do São Francisco e Telha, onde não houve sequer uma empresa autuada.

No tocante à utilização de incentivos financeiros/fiscais, constatou-se que um percentual elevado de 74,2% das MPIs não recebeu qualquer tipo de incentivo financeiro ou fiscal de órgãos governamentais, no período de 1996 a 1998. As únicas instituições financeiras citadas pelos empresários foram o Banco do Nordeste e o Banco do Brasil, dos quais receberam apoio para obtenção de capital de giro e aquisição de novas máquinas e equipamentos.

Com relação, especificamente, ao ramo de padarias, os empresários do Vale do São Francisco Sergipano afirmaram que o Sindicato dos Panificadores está se movendo a favor da isen-

ção da tributação sobre o pão, alegando que as MPIs sergipanas deveriam receber o mesmo tratamento das que estão estabelecidas no Sul do País, onde o pão é componente da cesta básica de alimentos, sendo, portanto, isento – o que não ocorre em Sergipe.

## **9 - PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO DAS MPIs DO VALE DO SÃO FRANCISCO SERGIPANO**

Para identificar as perspectivas de crescimento das MPIs da região no período de 1996 a 1998, os pesquisadores selecionaram alguns indicadores que foram explicitados no QUADRO 3 do desenho da pesquisa.

Com relação à quantidade de empregados *admitidos e/ou demitidos* em todas as MPIs pesquisadas, verificou-se que 53 pessoas foram admitidas e 32 foram demitidas nos três anos analisados. Quanto ao indicador *evolução (aumento/queda) das vendas* no período, observou-se que em 41,9% das MPIs as vendas aumentaram, enquanto em 45,2% as vendas caíram. Apenas 12,9% das empresas alegaram estabilidade/estagnação das vendas no período. Embora a situação apontada por este indicador se apresente mais negativa do que positiva, a diferença é muito pequena para que se possa inferir um quadro negativo para essas empresas, considerando-se, principalmente, as dificuldades enfrentadas pela economia brasileira no período analisado. MELO (1999, p. 70) assinala que a economia mundial nos anos 90, e principalmente no biênio 1997-1998, caracterizou-se pela “desestabilização das principais economias em desenvolvimento, nas mais diversas áreas do globo, e de crescimento médio, baixo ou assíncrono nos países centrais [...] o que parece indicar pouco provável um cenário de natureza mais otimista”.

Alguns fatores foram mencionados pelos empresários para explicar a queda nas vendas, tais como: redução do poder aquisitivo da população e conseqüente queda da demanda, em

face do Plano Real; falta de apoio ou incentivo do Governo; aumento de preço da matéria-prima, sem, no entanto, poder repassá-lo ao preço final de venda; e falta de mão-de-obra.

Por sua vez, as explicações dadas para o aumento das vendas foram: aumento na produção da matéria-prima arroz; consagração do produto no mercado (tornou-se conhecido); diversificação na linha de produtos; presença do proprietário no empreendimento; transferência da MPI para melhor localização; prática de melhores preços.

Outro indicador de crescimento escolhido para este estudo foi a aquisição de novos equipamentos e/ou máquinas, pois supõe-se que empresas que estão investindo na renovação do seu ativo fixo estejam com intenções de continuar no negócio, possivelmente, através do aumento de sua produção. A grande maioria das MPIs estudadas (64,5%) adquiriu novos equipamentos/ máquinas no período de 1996 a 1998. Os fatores que estimularam as empresas a fazer essas aquisições foram: facilidades no prazo, empréstimos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) via Bancos, aumento e/ou diversificação na linha de produtos, substituição ou adoção de novas tecnologias, dentre outros.

A ampliação das instalações físicas foi outro indicador positivo de crescimento das MPIs do Vale do São Francisco Sergipano. Observou-se que 51,6% das empresas pesquisadas investiram nesse item, corroborando a idéia de que, apesar do difícil momento econômico, as indústrias da região estão apresentando sinais de que pretendem crescer e estão otimistas quanto ao futuro. As MPIs ampliaram as instalações físicas no período estudado devido a: necessidade de maior espaço físico exigido pela mudança no processo produtivo; utilização de empréstimos do FAT/Banco do Nordeste para ampliações físicas; e maior exigência de depósitos para o produto acabado, em vista da ampliação da linha de produtos, dentre outros fatores.

Partindo do pressuposto de que introduzir novos produtos constitui indício de crescimento das

empresas, procurou-se saber se as MPIs da região introduziram novos produtos, ou se deixaram de fabricar algum item. Observou-se que quase a metade das MPIs (48,4%) introduziu algum item novo em sua linha de produtos e apenas um quarto (25,8%) deixou de fabricar algum produto, no período de 1996 a 1998. Dentre as razões apresentadas para introdução de novos produtos, destacam-se: aquisição de novas máquinas, uso de tecnologias novas, aumento ou aquisição de *know how* para diversificação de produtos, melhor aproveitamento dos resíduos do processo produtivo e tendência da demanda para aquisição de um novo produto. Alguns dos motivos que levaram algumas MPIs a deixar de fabricar produtos foram também mencionados: tendências da demanda a abandonar o uso de um produto, substituindo-o por outro atual (é o caso da substituição de camiseiro por guarda-roupa); substituição do produto por outro igualmente fácil de produzir e que seria vendido por um valor sete vezes maior que o preço do produto anterior (é o caso de uma MPI que produzia queijo coalho e vendia a R\$ 1,00/quilo; abandonou a produção deste produto e passou a fabricar o queijo parmesão, cujo preço de venda é R\$ 7,00/quilo e já tem demanda garantida pelos supermercados do varejo de Aracaju/SE).

No intuito de aprofundar ainda mais a análise sobre as perspectivas de crescimento das MPIs do Vale do São Francisco Sergipano, procurou-se identificar o comportamento das mesmas quanto aos salários pagos. Supôs-se que se a indústria está aumentando salários, ou, ainda, se os aumenta acima do que o Governo determina, isso pode ser um indício de que estão crescendo. Constatou-se que grande parte das indústrias (42%) só concedeu o reajuste que o governo determina anualmente, enquanto 29% delas disseram que aumentaram os salários acima do que o governo estabeleceu. Apenas 10% das MPIs informaram não ter aumentado os salários no período, enquanto as 19% restantes deram outras respostas por se enquadrarem em outras situações, como é o caso das empresas em que somente a família trabalha, não havendo, portanto, determinação de salários. O que se pode inferir, com

relação a este índice, é que não existe uma tendência clara quanto a aumentos salariais como indicador de crescimento das MPIs.

Considerando que no período de 1996 a 1998 as MPIs apresentaram mais índices positivos do que negativos quanto aos indicadores escolhidos na pesquisa, conclui-se que as perspectivas de crescimento dessas indústrias são positivas, quando se atenta para a diminuição gradativa no ritmo de crescimento econômico no estado de Sergipe e no País, neste período analisado.

## **10 - PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO DAS MPIs NA VISÃO DO EMPRESÁRIO**

Considerou-se importante captar dos empresários que panorama eles constroem para sua atividade industrial. Teriam eles promissoras visões quanto ao futuro de seu empreendimento? Ou não? Cerca de 38,7% dos empresários consideraram que a perspectiva de crescimento para os seus empreendimentos é “*mais ou menos*”, o que denota uma percepção neutra, sem ser exatamente otimista ou pessimista. Um percentual que pode ser considerado elevado (32,3%) afirmou serem “*ruins*” as perspectivas de crescimento. Oito dessas MPIs estão no ramo alimentício, uma no ramo de fabricação de colchões e outra no ramo de artefatos e modulados de madeira. Os otimistas correspondem a 22,6% dos empresários, enquanto 6,5% são absolutamente pessimistas. Os fatores que se destacaram para este pessimismo nas perspectivas foram: declínio do ramo de atividade (arroz e artefatos de cimento); falta de capital de giro e dificuldades para financiamentos; queda na demanda; concorrência com o setor informal; carência de mão-de-obra especializada; máquinas obsoletas; e políticas de tributação e de empréstimos do Governo apresentadas sem clareza e inadequadas ao tamanho das empresas.

Essas dificuldades já vêm sendo discutidas por vários estudiosos de pequenas empresas no

Brasil. FERNANDES (1998) aponta como características mais comuns à grande maioria das microempresas as seguintes: “pequena ou nula ligação com o sistema de crédito, baixo nível de instrução dos membros da unidade produtiva, dificuldades de acesso à informação [...] e o que se costuma chamar de cultura do grande, isto é, o condicionamento de nossas elites de só lidar com os grandes empreendimentos de feição oligopolista” (p.14-15 e 23).

BATALHA & DEMORI (1990) também apresentam vários problemas afetos às micro, pequenas e médias indústrias do estado de Santa Catarina que são coincidentes com os resultados encontrados nesta pesquisa:

- obsolescência das máquinas e equipamentos;
- incapacidade de gerar capital excedente. Normalmente a carência de capital de giro está associada a problemas de má administração dos negócios;
- debilidade financeira, que é fruto de sua incapacidade de autofinanciamento;
- entraves burocráticos na hora de buscar fontes de financiamento, que são sempre mais acessíveis aos grandes; despreparo dos empresários ou debilidade das MPIs na área administrativa.

Enquanto, de maneira geral, as MPIs apresentam indicadores de crescimento ou de desenvolvimento, os empresários se mostram relativamente pessimistas em suas percepções de crescimento futuro. Isto, provavelmente, pode ser explicado pela tradição que os empresários têm de não querer demonstrar que estão crescendo. Desta forma, não atrairiam o olhar de órgãos fiscalizadores governamentais e dos concorrentes. Poder-se-ia, ainda, atribuir a perspectiva pessimista ao fato de os empresários gostarem de desabafar, afirmando, sempre, que a situação está ruim. Portanto, conclui-se que há contradição entre os indicadores de crescimento apresenta-

dos e a percepção dos empresários. Enquanto os indicadores apontam uma situação favorável ao crescimento, o mesmo não ocorre quando os empresários opinam sobre o assunto.

## **11 - RECOMENDAÇÕES DO ESTUDO**

A relevância do trabalho será maior se for possível propor alternativas de melhoria, até mesmo de transformação do contexto em que se encontram as MPIs da região. Para isso, algumas recomendações são apresentadas:

1- Treinamento para os empresários, pois somente com o conhecimento de técnicas gerenciais, das novas tecnologias, dos aspectos legais, da utilização racional dos recursos energéticos e conhecimento do contexto econômico os empresários serão capazes de vencer os desafios da nova economia globalizada.

2- Realização de estudos setoriais que tragam à luz os problemas enfrentados, especialmente pela indústria alimentícia da região, setor que apresentou os índices mais negativos de crescimento no período analisado.

3- Criação de consórcios de garantia de crédito, visando à formação de cooperativas de garantia de crédito, como uma alternativa para a solução de alguns problemas enfrentados pelas MPIs: existência de entraves burocráticos e necessidade de garantias reais, que têm dificultado o acesso ao crédito junto aos agentes financeiros.

4- Criação do Fundo de Aval do Estado de Sergipe, a exemplo do que já ocorre no SEBRAE. Esta última recomendação ainda toca no problema da falta de garantias de crédito enfrentado pelas MPIs quando buscam empréstimos no mercado financeiro. É urgente que o Governo de Sergipe procure aprovar o projeto de lei para a criação do Fundo de Aval do Estado de Sergipe. Dessa forma, a pequena empresa, que hoje sofre com a falta de garantias reais ou de avalistas, poderia con-

tar com o Governo como o seu avalista para o complemento das garantias necessárias à obtenção de crédito.

## **PALAVRAS FINAIS**

Este estudo não tem a pretensão de esgotar o assunto, pois o diagnóstico das MPIs da região do Vale do São Francisco Sergipano é um primeiro passo para que se tenha consciência da situação em que se encontram, das suas dificuldades e das possíveis soluções para resolvê-las. Espera-se, portanto, que a difusão do cenário apresentado neste estudo possa contribuir para o aguçamento da percepção do sentido e da magnitude do esforço ainda a ser investido nas áreas econômicas e sociais dessa região.

## **Abstract**

---

This article presents the profile of micro e small enterprises in São Francisco Valley, Sergipe state, and of its owners. Also addresses the growth perspectives of these companies based on selected indicators and as well on owners perspectives. Adopting structured questionnaire, data were collected by personal interviews with 31 business owners in 15 districts of the region. The majority of interviewees have finished high school, are male and were born in the same district where the industry is installed. These industries are operating in traditional sectors, are family property business, are centralized and do not comply with legal requirements aspects regarding employees rights or health and safety. The main problems these companies are facing are related to finance or sales. Despite the decline of national economic growth in Brazil, the companies of the study seem to be growing as the majority of them have bought lately new equipment, extended they plant, contracted new employees and introduced new products. The perception of owners in relation to their businesses growth are contradictory because while growth indicators are found to be positive very few of them seem to perceive growth possibilities to their companies.

## **Key-words:**

---

Entrepreneur profile, Industries diagnostic, Industrial growth, São Francisco Valley

### **7 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

BATALHA, M., DEMORI, F. **A pequena e média indústria em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1990.

BRAZILEIRO, G., ROMÃO, M. C. Projeto Áridas; sub-tema: **Organização do espaço regional e indústria**. Recife, 1994.

CARVALHO, I. M. M. de. **O Nordeste e o regime autoritário: discurso e prática do planejamento regional**. São Paulo: HUCITEC; SUDENE, 1987.

CASAROTTO FILHO, N. , PIRES, L. H. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local**. São Paulo: Atlas, 1999.

FERNANDES, M. A. **A importância das micro e pequenas empresas na absorção da mão-de-obra no município de Itapipoca**. Fortaleza, 1998. Tese (Mestrado em Administração de Pequenas e Médias Empresas ) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual do Ceará. 1998.

FONSECA, V. (org./coord.), BASTOS, E. A. (org./coord) , PINTO, J. E. S. de S. **Sertão do baixo São Francisco sergipano: bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju: MMA/CODEVASF/UFS/CNPq/SEPLANTEC - SE, 1998.

GRAZIADIO, T. **Tecnologia e dimensões competitivas em PMEs de Autopeças – o caso CENFER**, 20. ENANPAD, Angra dos Reis/ Rio de Janeiro: 1996.

LONGENECKER, J. G., MOORE, C. W., PETTY, J. W. **Administração de pequenas empresas**. Tradução de Maria Lúcia G. L. Rosa e Sidney Stancatti; Revisão Técnica de Roberto Luís Margatho Glingani. São Paulo: Makron Books, 1997.

MACULAN, A. D. **Estratégias de inovação tecnológica das pequenas e médias empresas**. Rio de Janeiro:UFRJ, ANPAD, 1995.

MELO, G. F. et al. **As pequenas e médias indústrias sergipanas – um trabalho de pesquisa**. Aracaju: UFS/CCSA/DACC/SUDENE/SEBRAE/CEAG-SE, 1983.

MELO, R. O. L. de. **Cenários de mercado para o planejamento do ensino profissional**. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe. Secretaria Estadual de Educação de Sergipe. Serviço de Ensino Médio, 1999. (relatório – versão preliminar)

MORELLI, G. H. **Micro e pequena empresa: a necessidade de prioridade na política econômica**. Maranhão: SEBRAE, 1994. (Série Estudos e Pesquisas)

SEBRAE **Alguns indicadores**. 1990/1991/1993/1998.

SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA DE SERGIPE – SEF – **Relação dos contribuintes ativos**. Maio de 1999.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO – SEPLAN – **Diagnóstico do setor industrial Sergipano**. Aracaju: CODISE/SEBRAE/FIES, Governo de Sergipe, 1993.

SOUZA, H. R. de. et al. Projeto Áridas; sub-tema: **Agricultura irrigada e desenvolvimento sustentável no Nordeste do Brasil**, 1994.

---

Recebido para publicação em 16.AGO.2000